



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

SILMARA ALCÂNTARA DA SILVA

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO
COMO FERRAMENTA FACILITADORA NA CONSTRUÇÃO DO
CONHECIMENTO

CAMPINA GRANDE – PB

2014

SILMARA ALCÂNTARA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO
COMO FERRAMENTA FACILITADORA NA CONSTRUÇÃO DO
CONHECIMENTO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Ms. Rafael Francisco Braz

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586i Silva, Silmara Alcântara da
A Importancia da afetividade na relação professor/aluno como
ferramenta facilitadora na construção do conhecimento
[manuscrito] / Silmara Alcantara da Silva. - 2014.
42 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual
da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2014.

"Orientação: Prof^o. Rafael Francisco Braz, Departamento de
letras".

1. Sociologia na Educação. 2. Relações Humanas. 3.
Efetividade. I. Título.

21. ed. CDD 370.15

SILMARA ALCÂNTARA DA SILVA

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO
COMO FERRAMENTA FACILITADORA NA CONSTRUÇÃO DO
CONHECIMENTO

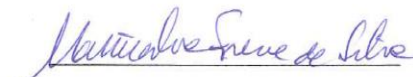
Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovado em 18/10/2014.



Prof. Ms. Rafael Francisco Braz / UEPB

Orientador



Prof. Dr. Marinalva Freire da Silva / UEPB

Examinadora -I



Prof. Ms. Paloma Sabata Lopes da Silva / UEPB

Prof. Ms. Paloma Sabata Lopes da Silva / UEPB

Examinadora -II

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Pedro e Margareth, que mesmo separados por obra do destino souberam ter serenidade e respeito mútuo para conduzir juntos a minha educação. Eles são a base de tudo em minha vida!Agradeço o amor,o carinho,a dedicação e a confiança que sempre depositaram em mim.Amor eterno,eterno amor!!

AGRADECIMENTOS

A todo o momento está no meu pensamento e tenho certeza, pelas vibrações e energias positivas que transitam no meu cotidiano, o seu olhar tem se voltado para mim. É nele que confio e nele que acredito. A **DEUS** exalto, primeiramente, os meus profundos e venerados agradecimentos, por estar sempre me iluminando e ofertando coragem, força e determinação nas escolhas que proponho para a minha vida. Além disso, agradeço por ter sempre colocado no meu caminho pessoas mais do que especiais, verdadeiros anjos...

Aos meus pais, Pedro e Margareth e aos meus irmãos, Guilherme, Gilmara, Priscila, Fernanda, João Pedro e Anderson (irmão do coração), por estarem sempre por perto com o amor e na torcida por minhas vitórias e conquistas. Aos meus sobrinhos Pedro Henrick, Caio e Maria Luisa, que com suas purezas acalentam, alegam e fortalecem meu caminhar...

A todos os meus familiares e amigos, que de alguma maneira ajudaram neste processo, souberam ouvir e ter paciência com minhas lamúrias e angústias, incentivando-me a não desistir.

A todos que compuseram a turma 119 da especialização. Professores que deram um show de aula e ensinamentos como Val Margarida, Auricélia Lopes, Simone Silva, Rafael Braz e Ingrid Fachine. A todos os técnicos administrativos e professores que voltaram a ser alunos com intuito de aprender e serem melhores profissionais, tornando as manhãs de sábados mais prazerosas e enriquecedoras.

Quero destacar e exaltar a minha gratidão a quatro pessoas que juntas formamos a “equipe das patotinhas”: Samara, Sandra, Valéria, Simone. Aprendemos, crescemos, acalentamos, ajudamos e nos divertimos mutuamente. Valeu meninas, eternas no meu coração!!

À professora Patrícia Marinho, que também fez a especialização e durante toda a jornada foi um dos combustíveis para seguir adiante. Patrícia, neste momento vejo o quanto valeu a pena cada palavra, cada gesto e cada sábado, rrsrsr. Conseguimos!!

A toda a família CAIC- José Joffily, especialmente, a diretora Joene Macedo, que não fez objeções quanto à pesquisa ser realizada na escola. A professora de Filosofia, Silvia, que sempre esteve disposta a ajudar e ouvir minhas inquietações e aos meus colegas de trabalho.

Obrigada aos alunos que participaram da pesquisa e mais do que isso o contato diário com todos eles, com suas histórias, enriquece, encanta e me faz valorizar a vida com mais intensidade, muitas vezes, aprendo mais do que ensino.

De maneira especial agradeço ao professor Rafael Braz, por ter acreditado no meu projeto, seguindo entusiasmado e firme nas orientações para a concretização desse trabalho monográfico. Quero expressar a minha admiração pela sua competência profissional, e acima de tudo pelo ser humano que és: autêntico e simples nas atitudes. Deus te abençoe sempre.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente estiveram presente nesta instigante e difícil caminhada da vida pessoal e profissional.

“Nós nos tornamos nós mesmos através dos outros”

(Levy Vygostky)

RESUMO

Nas últimas décadas, a sociedade como um todo, vem passando por um processo de contínuo e rápido de mudanças em diversas áreas, sejam elas: econômicas, políticas, tecnológicas e/ou culturais. Estas Transformações que acabam produzindo efeitos no aspecto comportamentais de cada sujeito que nela vive, comprometendo os relacionamentos quer sejam sociais, quer sejam afetivos. Vivemos tempos de questionamentos acerca das estruturas internas do nosso ser como um sujeito social e, também, das próprias relações afetivas com outros indivíduos. Assim, deixamos de lado os valores fundamentais que servem de referências e nos oferecem suporte para nossa existência como a convivência, o amor e o respeito ao próximo. Entretanto, é na interação do eu com o outro, com a diferença, que ocorre a troca de conhecimento que dará sustentação e influenciará o processo contínuo de construção e da formação da nossa identidade. O objetivo principal de nossa pesquisa é abordar a importância da afetividade na relação professor/aluno como ferramenta facilitadora na construção do conhecimento. Portanto, nossa pesquisa baseia-se nos aspectos do amor em Milan (1985), nos aspectos da identidade cultural de Hall(1998), Bauman (2005) e Cugini (2014) e no olhar pedagógico e afetivo de Moura (2007) Monteiro e Silva (2011). A análise nos mostra que na pesquisa apresentada pôde-se observar que os alunos da turma do 9º ao da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio CAIC-José Joffily, expressam que os elementos que compõem a afetividade são de extrema importância nas relações estabelecidas com os professores, sendo um dos motivos que favorece uma aprendizagem mais significativa. O presente trabalho monográfico foi apenas mais um passo de uma instigante e abrangente discussão a respeito das temáticas que se interrelacionam ao conceito da afetividade, tendo como objeto de estudo os alunos que estudam no CAIC-José Joffily. Portanto, fica um incentivo e sugestão para que outros profissionais se aprofundem e delimitem seus trabalhos na linha em questão.

Palavras-chave: Afetividade; Professor e aluno; Identidade.

RÉSUMÉ

Au cours des dernières décennies, la société dans son ensemble est soumise à un processus de changements rapides et continus dans de nombreux domaines, ils sont les suivants: économique, politique, technologique et / ou culturel. Ces transformations, ils finissent par les effets sur l'aspect comportemental de chaque personne qui vit en elle la production, si les relations engagées si affectif et social. Nous vivons une époque de questionnement sur les structures internes de notre être en tant que sujet social et aussi les relations très affectueuses avec d'autres personnes aussi, nous laissons de côté les valeurs fondamentales qui servent de références et nous offrent un soutien pour notre existence en tant que coexistence et l'amour et le respect pour les autres. Cependant, c'est l'interaction de l'individu avec les autres, avec la différence, c'est l'échange de données pour appuyer et d'influencer le processus en cours de construction et la formation de notre identité. The objectif principal de notre travail de recherche est le rôle de l'affectivité sur l'interaction des élèves sujet / enseignant dans le milieu scolaire. Par conséquent, notre recherche est basée sur les aspects de l'amour à Milan (1985) à l'égard de l'identité culturelle de Hall (1998), Bauman (2005) et Cugini (2014) et le pédagogique et l'aspect affectif Moura (2007) et Monteiro Silva (2011). L'analyse montre que la recherche présentée, on peut observer que les élèves de la 9e à l'École d'État de l'éducation élémentaire et secondaire CAIC-José Joffily, qui expriment les éléments d'affection sont extrêmement importants dans les relations avec enseignants, l'une des raisons qui favorisent un apprentissage plus significatif. Cette monographie a été juste une autre étape dans une discussion globale et de réflexion sur les problèmes qui interrelacionam le concept de l'affectivité, ayant pour objet d'étudiants qui étudient à l'étude de la CAIC-José Joffily. Par conséquent, il est un encouragement et des suggestions pour d'autres professionnels d'approfondir et de clarifier leur emploi sur la ligne.

Mots-clés: Affection; Professeur / élève; Identité.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 QUESTÃO AMOR	Erro! Indicador não definido. 5
1.1 FALANDO DE AMOR NO MUNDO MODERNO.....	Erro! Indicador não definido. 8
1.2 COMPREENDENDO A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE.....	20
1.2.1 A FRAGMENTAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DIANTE DA TENSÃO GLOBAL-LOCAL	Erro! Indicador não definido. 3
1.3 MOTIVAÇÃO, AFETIVIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR	24
2 CARTOGRAFIA DA PESQUISA	29
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO SOBRE A AFETIVIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40
ANEXO	41

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a sociedade como um todo vem passando por um processo contínuo e rápido de mudanças em diversas áreas, sejam elas: econômicas, políticas, tecnológicas e/ou culturais. Estas Transformações que acabam produzindo efeitos no aspecto comportamentais de cada sujeito que nela vive, comprometendo os relacionamentos quer sejam sociais e quer sejam afetivos.

Vivemos tempos de questionamentos acerca das estruturas internas do nosso ser como um sujeito social e, também, das próprias relações afetivas com outros indivíduos. Assim, deixamos de lado os valores fundamentais que servem de referências e nos oferecem suporte para nossa existência, como a convivência, o amor e o respeito ao próximo. Entretanto, é na interação do eu com o outro, com a diferença, que ocorre a troca de conhecimento que dará sustentação e influenciará o processo contínuo de construção e da formação da nossa identidade.

Desta maneira, a instituição escolar é uma das fontes mais importantes para buscarmos o desenvolvimento das relações sócio-afetivas e, neste ambiente plural e pluridiversificado que permearemos durante a infância e início de vida adulta, repleto de ideias, opiniões e encontros de múltiplas identidades, que podemos praticar as manifestações de afetividades e aprender a lidar com a diversidade que juntos nos impulsionará ao crescimento pessoal e/ou profissional. Além disso, se a relação entre o professor e o aluno for de maneira afetuosa, o processo de ensino-aprendizagem, será importante e enriquecedor para ambas as partes.

Ressaltando que a afetividade, motor de qualquer relação humana, ultrapassa os carinhos físicos como: o beijo e abraço que recebemos ou oferecemos, envolve sensações que vão além das nossas perspectivas, dentre outros aspectos, os mais variados sentimentos, a emoção, a motivação, o companheirismo, bem como a personalidade, o pensamento, o diálogo e o respeito e o amor ao próximo, ou seja, um processo de alteridade e ética.

Afetividade é uma importante aliada no desenvolvimento cognitivo do aluno, pois se esta estiver presente nas interações estabelecidas em sala de aula entre o professor e o aluno, o processo de ensino/aprendizagem será mais significativo, visto que despertará no aluno a vontade de criar e aprender, conseqüentemente, melhorando seu rendimento escolar, assim Morais (2012) ressalta em seus argumentos:

[...] afetividade tem um papel importante para o desenvolvimento cognitivo, motor e psicológico do aluno, pois se trata um de recurso que pode influenciar seu desenvolvimento educacional, tanto dentro de sala de aula como fora da escola, além de melhorar o rendimento do aluno numa constante interatividade professor-aluno em busca de um só objetivo, que é a aprendizagem. (MORAIS, 2012, p 1)

O relacionamento entre professor/aluno deve ser de confiança, de amizade, de amor e, também, respeito e troca de conhecimento para que possam aprender e crescer juntos, enfim, não se concebe desenvolver qualquer tipo de aprendizagem, em um espaço problemático. Sendo assim, o professor tem que ser o mediador do processo não o detentor, ou seja, ele deve tornar atraente e dinâmica suas aulas, estimulando a participação dos alunos com suas opiniões e ideias, valorizando e respeitando as particularidades de cada um; motivando-os, assim, a serem parte integrante do processo e não apenas receptores do conhecimento.

Logo, inerente ao contexto escolar, será feito, a partir deste estudo, uma abordagem sobre a importância da afetividade na relação professor/aluno como ferramenta facilitadora na construção do conhecimento, a partir da visão dos alunos que estudam na turma do 9º ano do Ensino Fundamental II, na Escola CAIC- José Joffily, localizada na cidade de Campina Grande, Paraíba.

A pesquisa busca compreender até que ponto as relações afetivas podem motivar o aprendizado do aluno, bem como entender, a partir dos conceitos formulados pelos alunos sobre o que é o amor, e se esta manifestação, que movem todas as outras, encontrados no espaço na relação com seus professores. Além disso, em tempos de influência intensa dos meios midiáticos, buscamos verificar se aluno ainda considera o professor um sujeito influenciador do seu comportamento social, na sua maneira de agir e pensar.

O direcionamento da pesquisa tem algumas motivações, dentre elas, está relacionado ao fato de que existem poucas pesquisas ligadas à afetividade que reúnam o pensamento dos estudantes, principalmente, dos adolescentes e, também, por estarem passando por uma fase de transição em meio a uma avalanche de mensagens transmitidas pelos meios midiáticos, tivemos a curiosidade de saber e ter a noção sobre qual a visão deles em relação à interação com os professores, haja vista que a maioria das vezes vive em conflitos com si e com os outros.

O presente estudo está subdividido em três capítulos, assim, organizados: O primeiro capítulo intitulado “Questão Amor” compreenderá o amor e suas vertentes. Além disso, abordará a compreensão dos termos identidade e afetividade partir da visão de alguns autores e teóricos. O segundo capítulo “A cartografia da pesquisa” engloba os passos realização da pesquisa e, por fim, no terceiro capítulo será apresentada a análise dos dados de nossa

pesquisa e, logo, as considerações finais e as referências usadas no desenvolvimento desta pesquisa.

1 QUESTÃO AMOR

Amor é uma palavra com quatro letras e bem simples na teoria da escrita, mas quando a colocamos na prática do nosso cotidiano, engrandece e torna-se complexa quanto ao valor sentimental, que, muitas das vezes nos deixam em êxtase, em outras impulsiona ao fracasso. Entretanto, bem ou mal conduzido em nossas vidas e é de todas as maneiras o sentimento mais nobre que possamos ter. Ele é o motor do nosso agir, gostar e viver, o fim, ao qual, consciente e/ou inconscientemente, todos nós tendemos a ter e, também, a qual queremos receber eternamente.

O amor é o primeiro sentimento de todo o ser humano, que mesmo não tendo uma definição pré-estabelecida, sequenciada, ela engloba diferentes níveis de senti-lo, podendo ser: o fraterno, o divino, o social, o afetivo, o maternal e dentre outros, todos estes gerados de maneira natural ao comportamento do ser humano, a partir da relação de afetividade entre duas ou mais pessoas que estão próximas, que mediante a reciprocidade do querer estar perto, do cuidar e do ajudar, nutre carinho e respeito entre si.

Nesta linha de pensamento de Milan (1985) afirma que se nutrimos pelo o amor a capacidade de nos vermos em sintonia com o outro, com finalidade de sermos um, o cenário mais perfeito é o momento da mãe a espera do filho, a qual cultua o sentimento sem conhecer o físico. É o amor por excelência, puro. Milan (1985) ainda reforça que nos remetemos à Diotima de Sócrates do Banquete de Platão para tal situação:

A ideia de que se deve chamar o amor a procriação, presença do imortal no vivo mortal. Diotima ou a estrangeira, como a denominava o filósofo, sabia que o amor casa os contrários e assim se efetiva. Sendo mulher pode ver no ato de gerar o que melhor o exprimia. Se o amor é o desejo de ser Um, a imagem mais realizada deste desejo é a da gestante, este ser Um onde há dois. (MILAN, 1985:33)

O amor que nos faz relacionar com outro, a partir da atração dos corpos, que não está condicionado ao parentesco ou ao fraterno e sim relação íntima entre duas pessoas, muitas vezes almejam ter um único pensamento, deixa de lado o seu individualismo, a sua essência em busca de um equilíbrio entre as partes. É um sentimento encantador, avassalador, que não sabemos de onde vem, não pede permissão para adentrar em nossas vidas, às vezes não é aquilo que queremos sentir, mas o temos sem querer, que nos faz de objeto e brinca com a nossa razão e emoção.

Sendo uma paixão o amor indissociável de certo não saber. Apresenta-se como um enigma e nunca deixa decifrar inteiramente. Impossível saber por que quero tanto e a tal ponto disso dependo, por que ele me ama ou é ele que amo. Ainda que consiga individualmente algo de cativante no seu rosto, no seu corpo, na postura, no seu modo de sorrir ou de falar, nenhum destes elementos é suficiente para me explicar a razão do amor, que se furta invariavelmente. (MILAN, 1985:12)

O amor torna-se um elemento da conquista, a qual se constrói a cada novo olhar, a cada novo amanhecer, obtendo como aliados o companheirismo, a paciência, a confiança e o respeito para com o amado. A partir do momento que não somos capazes de trabalhar a si mesmo, ao pretendermos que seja somente o outro a ter que ceder, a justificar os erros e não quereremos aceitar as diferenças, surge às primeiras dificuldades da relação e, conseqüentemente, o fracasso do casal.

Dialogando, ainda, com o pensamento de Milan (1985), ele demonstra que o amor fundamenta-se no narcisismo, ou seja, o desejo de apropriar-se do seu próprio reflexo, este uma cópia fiel de si mesmo, não aceitando as diferenças e, assim, nos apaixonamos por utopias, nas quais criamos constantemente, ao invés de reconhecer ao outro com suas marcas de vida, queremos reverenciar a nós próprios. “Mas sendo narcísico o amor não suporta a diferença - todo desejo do amado que contraria o amante precisa ceder. Se você me ama não pode haver nada em você que me desdiga. Ou somos uma coincidência absoluta ou já não existimos.” (MILAN, 1985:16/17)

O amor foi feito para nos dar liberdade, aumentar nossa autoestima, nos deixar sonhar ao lado de um companheiro que incentive nossos projetos e compartilhem dos mesmos ideais. No entanto, existe o amor doentio, que diante da desconfiança, da dúvida do afeto, nos aprisiona, anula nossa vida social com a família e com os amigos. Elencado a isto se tem o ciúmes que cria obstáculos, nos impede de progredir, requer exclusividade.

Todos necessitamos do amor e, também, de transmiti-lo, pois ele é vital em nossas vidas e, assim, torna-se uma necessidade reconhecer este sentimento em si e nos outros, não importando idade e/ou sexo. Quando não obtemos a reciprocidade do amor, com zelo e afeto, a angústia, a solidão nos atinge, desequilibra o cotidiano e só faz revigorado com a presença da pessoa amada, mesmo que seja no piscar de olhos, e esta não queira nada com você, o sentimento para viver é enaltecido.

O amor traz consigo a solidão, entrega-me a uma falta como nenhuma outra, que ninguém senão o amado pode suprir e eu própria não tenho como amenizar; ele não está para me consolar da sua ausência e eu, imaginando-me onde ele está, não conto comigo mesma. Assim, se caso ele não me queira prefiro ignorar esta verdade, doer a esquecer. (MILAN, 1985:28)

O amar é um sentimento intrigante e controverso, na medida em que estamos em complacência com o nosso parceiro, todos os seus defeitos, a beleza e seus desencantos, a postura com as pessoas ao seu redor são translúcidas, deixadas de escanteio, não aceitamos opinião de ninguém a respeito do sujeito que é o nosso espelho. Porém, basta, apenas, um deslize para que todo encanto hipnotizante e protetor se desfaça, transformando aquele amor em ódio e, assim, a guerra está declarada.

Milan (1985:17) afirma que “a briga dos amantes é de amor, visa ao acordo e só se resolve através deste”. Ela serve para apimentar a reconciliação do casal, mas também aflorar o sentimento mais perverso do ser humano, o da vingança, ao perder a pessoa amada faz dele um objeto, a qual não se pode ter outro dono ou/e relação, cometendo absurdos que pode chegar até morte.

O Rival é uma bússola que me desnorteia, se eu antes só dizia você e eu, sentindo-me agora ameaçado digo é você ou eu quero o passado e ciente que não há volta imagino o teu fim-ódio do amor. A ambivalência me persegue, este corpo de que você era a alma vive, porém mal se arrasta, tornei-me um fardo, já não me enxergo no espelho das tuas águas nem me ouço dizer em você- o tempo das horas é agonia da falta que não devo sentir. (MILAN, 1985:52)

Vislumbramos no amor uma percepção de eternidade, determinadas pessoas colocam o amado como um ser supremo assemelhando-se à divindade. O amor é para gerar a satisfação de ambas as partes, ao transportarmos para a idolatria, tal sentimento é impossível de ser compartilhado. O amor não tem o dever de cobrar ações, comportamentos e até mesmo expressões, precisa ser algo espontâneo do sujeito amado.

Com característica inexplicável, o amor nos faz dizer e ouvir declaração que não as estranhemos quando proferida para/pela a pessoa amada. Uma das expressões mais escritas e proferidas é “Eu te amo”, tão habitual em nosso cotidiano e é a forma mais pura e simples de confirmar e demonstrar o seu carinho e afeto e muitas vezes, a maneira de eternizar o amor entre os casais, pois de acordo com Milan (1985:44) “Forma a indagar se você me ama se entre nós há reciprocidade, se é a tua a minha fissura- sendo, torno-me indispensável e posso momentaneamente esquecer de mim. São três palavrinhas servindo de mágica e contraditoriamente para abrir e fechar a chaga, me prender e me liberar”.

Além disso, Milan (1985) nos lembra de outras frases que são corriqueiras nas relações amorosas, algumas bem radicais como exemplo: “Sem você eu não existo” , “Nunca te esquecerei”, “Já não me ama prefiro morrer, morrer de amor”, elas de certa maneira expõe a

intensidade que as pessoas depositam no amor ,acabam por viver para o outro, caso acabem ficam sem rumo. Outras mais amenas como “se você me amasse...”, “você é único” e “eu te quero”, que nos remete ao desejo pelo próximo.

O amor é imaginação, logo, criamos o mundo a qual queremos pertencer, nos faz enxergar com olhos de criança, que pode ser surpreendido e transformado. As barreiras às quais enfrentamos em determinadas relações podem servir de exemplos para as conquistas futuras. Portanto, acreditar no amor significa que, apesar de todas as dificuldades, pode ser algo estável e duradouro quando ambos as partes trabalham a si mesmo para completar-se ao outro.

1.1 Falando de amor no mundo moderno

Na sociedade pós-moderna, vivemos um processo de contínuas e rápidas mudanças em diversas áreas do conhecimento econômico, político, social e cultural. Além disso, convivemos com períodos de questionamentos acerca das estruturas internas do nosso eu e, também, das próprias relações estabelecidas com demais indivíduos. Muitas vezes, esquecemos nossa essência e valores primordiais como a vivência, compreensão e o respeito ao próximo, que servem de referências e dão suporte para nos construirmos como sujeito.

É, nesse contexto, que surge a alteridade, condição para a existência humana, uma vez que é na relação do eu com o outro, nas semelhanças e diferenças que nascemos como ser sujeito, à negação de tal fato não nos produziriam voz e nem sentido. Logo, (Silva & Monteiro 2011 *apud* Pessanha, 1992), acrescentam:

O humano é o que é na medida em que ele possa dizer que ele não é apenas mais um animal. Para saber o que é a essência do humano, qual é o significado de ser gente é preciso se ter que gente não é exatamente igual a nenhum animal. Gente é alguma coisa um tanto diferente. Eu para saber o que sou, para saber o que somos, é preciso que eu saiba me distinguir daquilo que me cerca e que o tempo todo me cobra a minha essência – os animais que me circundam. (SILVA e MONTEIRO 2011 *apud* PESSANHA,1992:248).

Nos argumentos de Silva & Monteiro (2011:251) afirmam “que colocar-se no lugar do outro é sempre uma forma de autoconhecimento”, ou seja, no convívio com o olhar do outro é que podemos aprender, afirmar, questionar e sabermos qual é o nosso real lugar no mundo. É o momento da retomada de consciência, em que nós como sujeito, através da igualdade e /ou das diferenças de pensamentos e comportamentos como também dos aspectos

mais repugnantes do próximo, observamos situações nunca antes percebidos da existência e de si mesmo.

Desta feita, abre-se um leque de percepção e, mesmo, de compreensão da nossa vida e, também, do outro bem como situações de dúvidas que cerne a cada ser humano, questões dúbias quase inexplicáveis entre o amor e ódio, bem ou mal, quem sou ou deixo de ser, entre o belo ou feio e a felicidade ou a tristeza. Estes, resolvidos ou não, nos leva a única certeza a morte, na linha de pensamento de Silva & Monteiro (2011,p.251), diz:

A verdade é que, por não nos conhecemos por dentro e não sabermos quem realmente somos, não conseguimos nos habituar ao jeito que somos. E somente de uma coisa temos certeza: é que um dia morreremos. E por mais que tenhamos essa consciência, também não nos habituamos a essa verdade.

No mundo pós-moderno é com a morte que determinado sujeito é reconhecido e valorizado e, enfim, visíveis aos olhos da sociedade, quando ele já não existe mais. Silva & Monteiro (2011), cita Clarice Lispector para confirmar tal situação: “Pois na hora da morte a pessoa se torna estrela do cinema, é o instante de glória de cada um e é como no canto coral se ouvem agudos sibilantes”.

A condição da nossa existência nem sempre é reveladora, muitos desvalorizados e desprestigiados, socialmente, vivem em condições de subordinação, são inibidos de se expressarem porque não encontram quem os ouçam, se negando a pensar e ver em que real situação se encontra, sem grandes acontecimentos em suas vidas, mas nem por isso deixa de alimentar em sua alma o mais profundo sentimento de viver e ser feliz.

Na realidade, ninguém precisa compreender a existência para querer viver, porque não há um projeto definido que explique o fato de existirmos, no entanto, existimos e isso é real. A verdade é que independente do modo como o ser humano existe, ele acredita e deseja um futuro diferente: sonha com o que será ou obterá nesse futuro. (SILVA & MONTEIRO, 2011:256)

Entretanto, quando notados pela sociedade, as relações entre os indivíduos são bastante conflitantes, pois ao desejarmos ser a face do outro, deixemos de lado o valor essencial da nossa condição existencial o respeito à diferença. Sempre buscamos que o mesmo se comporte de acordo com nossas ideias e convicções. Caso isto não aconteça, afloram os sentimentos mais perversos que temos como ser humano, são eles, o preconceito e o julgamento.

Na maioria das vezes, deixamos para trás a nossa história em busca do outro, de fazer julgamentos, construir a história dos que nos rodeiam. Além disso, somos capazes de ter o

entendimento sobre outro do que a si mesmo, e é na convivência que obtemos respostas aos nossos questionamentos e a cada conquista alcançada, novas possibilidades de perguntas irão se abrir para nós mesmos que de acordo com Silva & Monteiro (2011:254) “A verdade é que todo ser humano se julga capaz de conhecer o outro, seja nos hábitos, seja nos valores, seja na crença, seja nos desejos, mas é incapaz de conhecer a si próprio e, justamente por essa razão, sente-se angustiado, buscando no outro as respostas”.

Muitas vezes nos sentimos invisíveis, sozinhos no mundo, acarretando uma solidão que adentra em nossas vidas de maneira avassaladora, mas ao mesmo tempo, que nos deixa numa sensação de vazio e isolamento, ela nos leva a enxergar a si, promovendo um entendimento sobre os fatos internos para a nossa condição existencial. Silva & Monteiro (2011:257), enfatiza que “Isso não é de todo ruim, a solidão às vezes pode ser considerada uma válvula de escape para descobrirmos algumas verdades sobre nós mesmos”.

Portanto, é um grande desafio para sujeito a busca da alteridade, já que estamos vivendo em uma sociedade que busca apenas o seu reconhecimento, comprometida com a competitividade e o lucro, logo, dialogar e compreender o seu semelhante é importante, pois é na relação com o outro que construímos a nossa subjetividade e individualidade. Desta maneira, mesmo com todos os obstáculos que possam existir nas relações entre os sujeitos, nós apenas existimos a partir do outro, da observação dele, que nos permite observar a diferença, que é à base da compreensão da vida social e da condição de nossa existência.

1.2 Compreendendo a Constituição da Identidade

Com certo grau de complexidade, a concepção da palavra identidade é estudada por diversas áreas do conhecimento humano, das ciências médicas, psicologia e da psiquiatria e das ciências sociais, que compreende, dentre outros campos, a sociologia e a comunicação. Neste trabalho vamos nos deter aos teóricos que trabalham com implicações na comunicação.

Diante das transformações socioeconômicas ao longo de toda a história da humanidade, a sociedade e, principalmente, no que nela habita os indivíduos, sofreram e sofrem modificações na sua conjuntura interna, no seu eu, enfim, na sua personalidade.

O teórico Stuart Hall (1998) congrega no seu entendimento três pertinentes maneiras de se observar a Identidade, a partir das reformulações históricas em que se desenvolveu a comunidade global.

O primeiro conceito de identidade descrita por Hall (1998) é denominado Sujeito Iluminista, ressaltando que esse termo foi adotado porque é na época do iluminismo e de

outros movimentos, que o indivíduo iniciou um processo de transformação no seu eu, haja visto que o mesmo despertou a consciência de que todos são dotados de razão e de certa liberdade. Então, a sua ação está ligada a um indivíduo plenamente unificado e coerente. A sua essência estava estabelecida biologicamente, não sofria nenhum tipo de interferência ao longo da vida afirmando, assim, Hall (1998:10) que “[...] indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia no núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo”.

A teoria acerca do sujeito iluminista fora se perdendo no tempo, em decorrência do desenvolvimento do capitalismo, iniciada em meados do século XIX, na qual promoveu, dentre outras coisas, uma relação mais coletiva entre os indivíduos. Essa conjuntura refletiu nas questões sociais e culturais da sociedade, fazendo emergir outro tipo de sujeito, o sociológico. De acordo com Hall (1998), no início dos tempos modernos a formação da Identidade das pessoas, perpassava pela influência dos valores culturais e simbólicos, compartilhados no contexto social em que vivia e da relação que mantinha com o próximo.

A concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. (HALL, 1998:11).

Hall(1998) ainda acrescenta que o intercâmbio de características entre o mundo pessoal e o mundo público para a construção da identidade do sujeito sociológico, fornece subsídios para consolidação e organização mutua tanto das particularidades individuais quanto da identidade cultural de uma nação.

Para autor em questão, a identidade nacional é formada a partir das representações e símbolos provenientes do discurso da cultura nacional, esse tipo de discurso são verdades estabelecidas e vinculadas à nacionalidade e está inerente a identidade de cada indivíduo nascido em determinado país. Logo, os mesmos se sentem identificados, tendo um referencial a seguir que ele (1998:59) afirma “Não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-lo todos como pertencendo à mesma e grande família nacional.”

Essa idéia de indivíduo organizado internamente, a partir da estrutura social onde habita obteve seu auge em meio aos estudos realizados pelas ciências sociais, disciplina que

emergia na primeira metade do século XX. Entretanto, essa observação da identidade fora se desconstruindo, na chamada modernidade tardia.

No cenário contemporâneo, a identidade nacional unificada e emoldurada ficou ameaçada, diante de alguns fatores que podem ser determinantes para a intensa reconstrução da identidade. O mercado global de mensagens e produtos e de certa maneira as facilidades ao diminuir as distâncias entre países, permitindo um maior fluxo de pessoas, através da chamada migração transnacional. Além disso, a universalização de idéias, valores e comportamentos, que excede os limites nacionais e engloba a interação social e cultural das diversas nações.

A circunstância globalizante foi determinante para o nascimento do sujeito pós-moderno, que compreende um indivíduo, totalmente, desprovido de uma identidade própria e unificada, já que o mesmo é produzido e transformado conforme as oscilações do sistema na qual está inserido. Segundo Hall (1998), em toda a trajetória de vida, as pessoas são levadas a crer, pela a consciência, que se constitui de uma única identidade e que com ela seguirá até a morte. Porém, a identidade imutável é mera utopia de quem acredita nessa tese, pois “à medida que os sistemas de significações e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente”. (HALL, 1998:13).

Para Canclini (1995), os efeitos de interculturalidade, vistos hoje no sujeito pós-moderno se configuram não só através das diferenças entre culturas desenvolvidas separadamente, mas também pelas maneiras desiguais com que os grupos se apropriam de elementos de várias sociedades, combinando-os e transformando-os dentro do universo de suas particularidades, fazendo surgir assim uma nova cultura, pois “Quando a circulação cada vez mais livre e freqüente de pessoas, capitais e mensagens nos relacionam cotidianamente como muitas culturas, nossa identidade já não pode ser definida pela associação exclusiva a comunidade nacional” (CANCLINI, 1995:142).

No tocante, Canclini (1995) acredita que a identidade é compreendida como sendo algo determinado muito mais pela dinâmica mercadológica do consumo do que ocasionada pelas referências internas dentro da cultura nacional.

Nas trevas de todo esse processo envolvendo as questões da identidade nasce um sujeito inconstante, não sabendo quem é na essência, devido à proliferação de diversos bens culturais provindos de distintas nações, produzindo e fragmentando a consciência crítica de si própria, conforme o cenário global e local.

1.2.1 A fragmentação e a construção da identidade diante da tensão global-local

Em virtude do impacto sofrido pelas sociedades mundiais com o crescente fluxo da entrada e saída nos países, de produtos gerados pela globalização, a cultura nacional e , conseqüentemente a identidade individual têm sido caracterizada por flexibilidade e fragmentações, sendo constituídas a partir das permanentes e rápidas reformulações e adaptações impostas pelas leis capitalistas.

No passado, as referências para a formação das identidades de cada indivíduo estavam eminentemente relacionadas às tradições familiares, religiosas e/ou escolares. Contudo, na sociedade vigente elas são construídas e reconstruídas pelos valores disseminados através dos meios de comunicação de massa.

A modernidade e a tecnologia permitiram que vários padrões de vida fossem estabelecidos, e a mídia se encarrega de tais padrões com objetivo de induzir os indivíduos a segui-lo. Gradualmente, os mesmos, abandonam sua antiga forma de viver e pensar sobre o mundo, passando a ser controlados pela chamada Indústria Cultural, onde tudo é mercadoria, tornando-se meros consumidores.

A prática da indústria cultural converte-se, porém em sistema que a tudo abarca e em que todos os setores se harmonizam reciprocamente. A produção estética integra-se à produção mercantil em geral, permitindo o surgimento da idéia de que o que somos depende dos bens que podemos comprar e dos modelos de conduta veiculados pelos os meios de comunicação (HOHLFELDT, MARTINO e FRANÇA, 2001:139).

Canclini (1995) enfatiza que há na contemporaneidade um equilíbrio mútuo entre consumo e cidadania, já que a maneira com que os indivíduos exercem a cidadania é oriunda dos seus anseios, sendo estes provenientes de bens simbólicos produzidos pelos meios midiáticos, os quais se tornaram o poder centralizador para a “organização social” e, também, no sentido das pessoas se sentirem pertencentes a um determinado grupo.

Vivemos um tempo de fraturas e heterogeneidade, de segmentação em cada nação e de comunicações fluídas com as ordens transnacionais da informação, da moda e do saber. Em meio a essa heterogeneidade encontramos códigos que nos unificam, ou que ao menos permitem que nos entendamos. Mas esses códigos compartilhados são cada vez menos os da etnia, da classe ou da nação em que vivemos (CANCLINI, 1995:61).

Hoje, a identidade se configura a partir daquilo que temos e que possamos possuir. No jogo das palavras, o verbo em questão para identificar o indivíduo é o verbo ter e não mais o verbo ser. Portanto, a nossa identidade é refletida através daquilo que consumimos.

Diante da possibilidade de absorver características culturais de outros lugares, surge um indivíduo culturalmente fragmentado, haja vista que as forças para a formação da identidade individual nos levam a reorganizar as nossas idéias de pertencimento e comportamento em meio ao fluxo e refluxo de características injetadas pelo sistema global.

Em um único indivíduo há uma pluralidade de sentimentos, visões e opiniões diante da realidade. A constante transformação da identidade, ante os novos padrões e estilos de vida promovidos pela modernidade e pela mídia faz surgir um indivíduo vulnerável, duvidoso. O indivíduo da pós-modernidade sente-se descentrado, suas concepções sofrem algumas mudanças e refletem instabilidade e insegurança.

Podemos ver isso no contexto familiar, que está cada vez mais multipolarizado. Não faz muito tempo que a família era composta por pai, mãe e filhos, no entanto hoje a realidade é outra. Os comportamentos modernos que ultrapassaram os costumes originários da família aceitam vários perfis familiares, ora tendo como “cabeça” o pai, ora a mãe, ou nenhum dos dois, por exemplo.

Isto está fragmentando as paisagens culturais de classes, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados, (HALL, 1998:9).

O advento da modernidade provocou uma sociedade heterogênea, onde através da mídia as fronteiras culturais entre povos são praticamente anuladas, surge o indivíduo culturalmente fragmentado. O indivíduo moderno muitas vezes desconhece a sua origem, a cultura da sua localidade é trocada por valores provindos de cultura proveniente de outras nações.

1.3 Motivação e afetividade no ambiente escolar

Em tempos em que o mundo vem passando por constantes transformações, o aspecto comportamento deve ser cautelosamente cultivado, pois é na nossa relação com outro que nos fazemos estar em permanente processo de construção. É nesta composição do eu com outro o elo para constituição humana que ocorre os níveis de aprendizagem que serão eternos.

Desta feita, sendo a escola um ambiente de conhecimento, vivência, cidadania e encontro com múltiplas identidades, consequente formador de cidadão, torna-se um lugar rico para a prática do respeito, afeto e convívio com o próximo. Além disso, se as partes envolvidas nesta relação, ou seja, professor/aluno e aluno/aluno, for realizado de maneira afetuosa, o processo de ensino - aprendizagem será importante e prazerosa para ambas às partes.

O sujeito que é tratado com afetividade pode torna-se um ser humano mais centrado e seguro, bem como capaz de enfrentar os conflitos existenciais e as diferenças com os outros com complacência. Quando citamos o termo afetividade não podemos imaginar em gestos de simpatias, de carinhos, de beijos e de abraços que corriqueiramente recebemos ou oferecemos, o conceito é muito mais do que isso, vai além das nossas perspectivas e ações.

A expressão transpassada para a prática constitui um fator importante no desenvolvimento humano, engloba diversas manifestações, dentre elas: o amor, a motivação, a solidariedade, o companheirismo, o humor, o sentimento, a personalidade, a emoção, esta última comumente confundida com afetividade. A emoção é mais orgânica, representada pela intensidade que vamos dar a uma situação inesperada, no âmbito agradável ou desagradável.

As emoções, assim como os sentimentos e os desejos são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoções por afetividade, tratando os termos como sinônimos. Todavia, não o são. A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações. (MORAIS WALLON, *apud* GALVÃO: 4)

À luz do pensamento crítico de Moraes (2012), baseado nas palavras de Galvão sobre os estudos de Wallon, o ser humano é um produto social, é a partir da afetividade que o sujeito exterioriza seus desejos e suas vontades, como também são nas relações de afeto com o outro, que cada um intensifica sua interação consigo mesmo, delimita sua vida e aprende a lidar com outro e suas diferenças. Logo, a afetividade torna-se fundamental para a harmonia e equilíbrio do desenvolvimento humano.

Um dos teóricos citado por Moraes (2012), o Vygotsky afirma que não se deve separar afetividade do fator cognitivo, ambas são interdependentes, já que o pensamento tem-se origem a partir das manifestações afetivas, seja ela, motivacional, interesses, emoções, impulsos e necessidades dos indivíduos, sendo assim o pensamento influencia o aspecto afetivo e vice versa constituindo-se fundamentais para a completa compreensão da evolução do sujeito.

No contexto educacional, a relação afetividade e cognição podem ser bastante exploradas pelos os docentes, já que integrar o que gostamos com que pensamos no processo de ensino- aprendizagem é um fator motivacional importante para que possamos ter mais interesse em aprender e compreender aquilo que está sendo repassado.

O afeto em sua essência refere-se a energia fundamental para que a estrutura cognitiva passe a operar influenciando de modo significativo no processo de construção do conhecimento, pois, em situações de aprendizagem que envolve aquilo que gostamos, demonstramos uma forte motivação e uma tendência seletiva para desenvolvermos com muito prazer o ato de aprender. (MOARAI, 2012:4)

O aluno motivado consegue desenvolver mais fácil suas habilidades e raciocínios em relação aos conteúdos propostos e as situações cotidianas ela, também, pode acelerar o desejo do educando de expressar e debater seus conhecimentos e suas ideias com todos, os estudos acabam deixando de ser uma atividade penosa e incomoda.

Na linha do pensamento de Morais (2012), na relação professor, aluno e conhecimento, não se pode menosprezar os sistema cognitivo dos envolvidos, mas também não deve deixar de depreciar os aspectos afetivos, uma vez que, todos são relevantes no desenvolvimento educacional, “pois quando o foco está voltado apenas para a cognição, deixa-se de se observar outros aspectos do desenvolvimento da criança, nitidamente importante na determinação do seu desempenho e construção pessoal”. (MORAIS, 2012:7)

No processo da construção do conhecimento, o teórico Wallon, na luz do pensamento de Morais (2012) afirma que a dimensão afetiva é de fundamental importância desde os primeiros anos de vida de uma criança. No primeiro momento, ela será produzida na interação com os familiares que dar suporte para o descobrimento de suas percepções, através de gestos e instruções verbais. Na fase escolar, é caracterizada pela a socialização, em que a mediação do professor e a interação com outras crianças o farão descobrir o quão diferentes são uma das outras. A partir daí cada novo diálogo cada novo conhecimento será internalizado e influenciará o seu comportamento social.

Ensinar não constitui apenas na transmissão de conhecimentos, das teorias disciplinares formais ou demonstrar um caminho a ser seguido. Ensinar é fazer com que o aluno não seja apenas receptores daquilo que está sendo transmitidos, mas emissores de opiniões e ideias. Ensinar é auxiliar o educando a ter autoestima, segurança, curiosidade, bem como desenvolvê-los a tomar consciência de si mesmo, do outro e do seu papel dentro do contexto social em que vive. É saber respeitar o seu semelhante com seus defeitos e qualidades.

Mediante isto, a relação professor – aluno deve ser acima de tudo de afetividade englobando o amor, o respeito, o companheirismo e o crescimento recíproco. Conhecer o universo sócio econômico cultural do aluno e o deixar expressar em sala de aula, em que possa ser atuante no processo de aprendizado facilitará aproximação caso existam obstáculos, assim como é eficaz para proporcionar prazer ao aluno na construção do seu conhecimento como Morais (2012) enfatiza:

O professor deve ainda ter a clara consciência de sua responsabilidade, precisa tomar decisões de acordo com os valores morais e as relações sociais pertinentes a sua época. Suas decisões devem ser tomadas solidariamente com seus alunos, conhecendo suas condições de vida social e familiar. (MORAIS, 2012: 9)

O afeto é muito importante para que o professor seja considerado bom, e mais para que o aluno se sinta valorizado. Percebe-se que pequenos gestos e palavras são essências para a sintonia entre professor e aluno. Quando o educando sente-se escutado e mantém um diálogo com o seu professor, ou seja, existe sintonia, o estímulo ao desenvolvimento da sua inteligência e habilidade será despertada e ações positivas serão observadas.

Entretanto, quando o aluno é invisível em sala de aula, não cultiva uma boa relação com seus colegas e professores, a probabilidade é que o mesmo não tenha rendimento escolar e ainda torne - se um sujeito agressivo para chamar atenção. Assim, Morais (2012:9), afirma: “É dever do professor se esforçar para manter um bom relacionamento com a classe a fim de melhor orientá-lo”.

Os conflitos quando são perceptíveis em sala de aula, seja entre professor - aluno e/ou aluno/ aluno, o professor, o mais experiente da sala, deve ser hábil e controlar suas emoções, reconhecendo o outro, valorizando cada um com a sua identidade própria, levando ao entendimento sobre a pluralidade de pensamentos que coexistem em uma sociedade.

Outra questão bastante importante no processo de ensino-aprendizagem e que se deve ter total atenção por partes dos professores são rótulos colocados em determinados alunos, por eles e/ou seus colegas, pois, quando estes internalizados podem acarretar problemas negativos no processo de cognitivo do aluno e, também, na relação com seu companheiro de turma. Poucos são os rótulos que valorize a personalidade da vítima, sempre é colocado para degradá-lo.

È preciso evidenciar a possibilidade da existência de diferenças reais de habilidades entre os alunos, de modo a minimizar as distorções decorrentes da rotulagem sofridas por eles. Com isto, o professor deve estar sempre em busca de uma competência na interação com os alunos, com o objetivo de passar para eles expectativas positivas. (MORAIS, 2012:10.)

Ressaltando, que o docente não é obrigado a gostar de todos os discentes do mesmo jeito, afinal são seres humanos como qualquer outro, mas precisa ter a plena consciência do respeito para com o próximo, tratando-o igualmente aos outros, aceitando as diferenças, não permitindo que a falta de sintonia comprometa a expressão e o rendimento escolar do aluno. Morais (2012:3) cita Paulo Freire para enfatizar, “o professor não pode permitir que a sua afetividade interfira , no cumprimento ético de seu dever de professor e no exercício de sua autoridade. ”

Partindo do pressuposto que a educação visa o desenvolvimento do indivíduo, o educador tem que ter a compreensão que a transmissão do conhecimento não está centrada apenas nele, mas que precisa ser formado a partir da interação deste com o aluno, o mesmo será apenas o mediador das relações, pois é necessário estimular as competências e as habilidades intrínsecas, valorizando aluno como um ser pensante. Morais (2012:9) apud FREIRE acrescenta “O educador já não é o que educa, mas o que enquanto educa, é educado, em dialogo com o educando. Ambos se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os argumentos de autoridade já não valem mais”.

O professor sendo um líder, trabalhando o lado positivo do aluno, cresce e vibra com cada vitória conquistada por aqueles que orientam nas atividades e impulsionou a buscar novos horizontes .O aluno bem motivado desenvolve um cidadão consciente de seus direitos e deveres no mundo

Afetividade, mesmo sendo um elemento importante no processo de ensino aprendizagem, na linha de pensamento crítico de Morais (2012), tal conceito é pouco utilizada, às vezes por falta de conhecimento do próprio professor que ainda está vinculada a formação teórica do saber. A partir do momento que estes tomam ciência do valor do afeto na sua relação com seus alunos, o clima no ambiente escolar é outro. Logo, conforme o nível de afeto envolvido é que a interação se realiza e constrói-se um conhecimento para ambos.

2 CARTOGRAFIA DA PESQUISA

A presente pesquisa esta fundamentada nos procedimento metodológico quantitativo - descritivo e apresentando como instrumento de coleta de dados o questionário, aplicado a turma do 9º ano do Ensino Fundamental II, do turno da manhã, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio CAIC-José Joffily, localizada na Rua José Marques Ferreira nº 100, no bairro das Malvinas, na cidade de Campina Grande, Paraíba.

A amostra desta pesquisa foi composta por 30 estudantes do 9º ano, turma única, do Ensino Fundamental II, com idade que compreendeu entre 14 e 17 anos de idade. Fora escolhido está turma tendo em vista que a maioria dos estudos na área da afetividade engloba a educação infantil. Desta maneira, optamos por esses alunos, já que estão passando pela fase da adolescência e, também, sob o prisma que estes já obtêm consciência formada sobre as questões referentes às manifestações afetivas, no sentido de procurar identificá-las na relação deles com seus professores.

Para melhor qualidade e compreensão da pesquisa, inicialmente, houve um embasamento teórico, através de livros didáticos e artigos que ponderava sobre o tema afetividade, identidade e alteridade. Posteriormente, uma mini palestra fora realizada para os alunos, em que expressamos o objetivo e os conceitos que envolvia o presente trabalho para que sentissem confiança e não tivessem dúvidas ao responder o questionário.

O questionário, que serviu de coleta de dados para análise do estudo, compreendeu de seis perguntas, sendo elas, cinco objetivas e uma subjetiva. O questionário buscou investigar a opinião dos alunos do 9º ano do CAIC- José Joffily sobre os elementos básicos que concernem a afetividade, como a valorização do aluno pelo professor, a partir da sua subjetividade e individualidades, bem como verificar se o diálogo se faz presente nas interações em sala de aula.

Além disso, houve questionamentos relacionados à influência que os professores exercem na sua identidade, quais qualidades que o aluno julga importantes para ser um bom docente, e também, se o rendimento escolar deles melhora quando se tem um bom relacionamento com eles e por fim pedimos para definir o que é amor e se encontra na relação com seus professores, afinal, este sentimento é o motor de todas as outras manifestação afetivas.

O resultado da pesquisa é apresentado em dados estatísticos, através dos gráficos e ainda os depoimentos e informações acrescentadas no questionário pelas pesquisadas serão descritas e analisadas, se fundamentado na parte teórica do presente trabalho.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES SOBRE A AFETIVIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

Os resultados da presente pesquisa foram obtidos através da análise das respostas do questionário com seis perguntas, das quais cinco eram objetivas e uma subjetiva, aplicado para os estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, turno manhã, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio CAIC- José Joffily.

O gráfico 1 reproduz a maneira com que os estudantes avaliam a valorização que o professor dá ao seu jeito de ser, ou seja, a sua identidade. Dos 30 alunos questionados, 13 deles equivale à 43% dos entrevistados, disseram que sim, são valorizados pelos profissionais que lhe ensinam, já 7% disseram que não são valorizados e a metade da turma, ou seja, 50% disseram que às vezes sentem - se valorizados pelos professores.

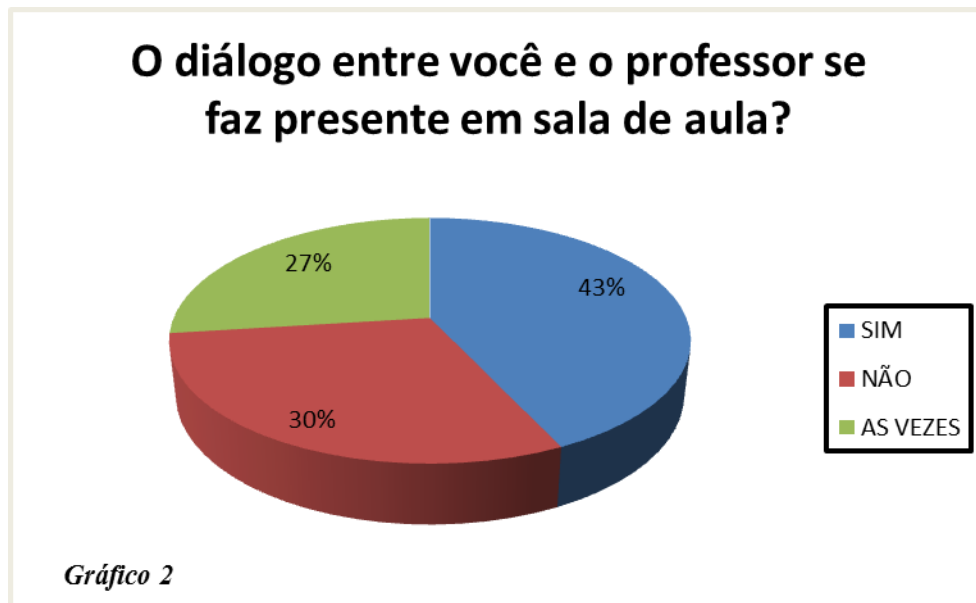


O referido resultado nos mostrar que os profissionais da educação ainda não estão arraigados no que concerne à valorização das múltiplas identidades do sujeito. Na luz do pensamento de Hall(2005), em um único ser há uma pluralidade de sentimentos, visões e opiniões diante da realidade, assim, o sujeito pós- moderno configura em um indivíduo totalmente desprovido de uma identidade própria e unificada, já que o mesmo é produzido e transformado conforme as oscilações do sistema na qual está inserido.

Desta maneira, sendo a escola um espaço significativo de mediação dos indivíduos, provenientes de diversos grupos sociais com jeito peculiar de ser e pertencer no mundo, precisa

congregar em seu pensamento o respeito a diferença e a valorização da identidade de cada aluno. Na linha de pensamento de Morais(2012:3) “Percebendo-se cada qual na sua identidade própria e sendo valorizada nas suas possibilidades e ações e crescimento a medida que desenvolve seu processo de socialização e interage com o grupo”.

Na linha de raciocínio da valorização do aluno encontra-se o diálogo que faz com que haja as interações entre professor e aluno em sala de aula. Logo, o Gráfico 2 ilustra o questionamento sobre os possíveis diálogos estabelecidos em sala de aula.

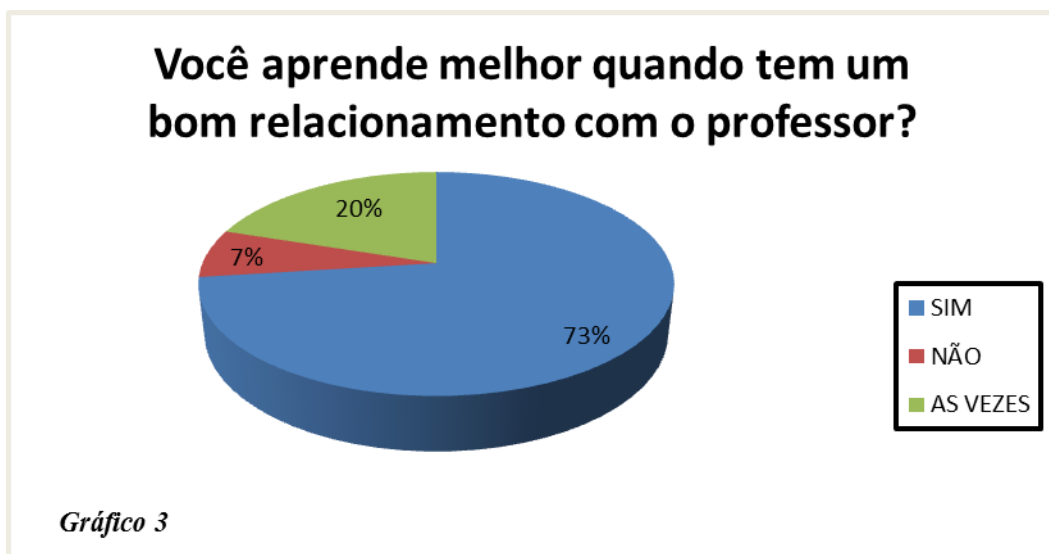


O gráfico acima ilustra que 43% dos alunos consideram ter diálogo dentro da sala de aula com os seus professores, 30% afirmam não ter nenhum tipo, e 27% as vezes conseguem relacionar-se em certo momento com o professor. Percebe-se, a partir deste gráfico, que mesmo a resposta “sim” tendo obtido o maior percentual, observamos que o “não” e o “as vezes”, fizeram presente na resposta da maioria da turma, ou seja, a conversação entre os professores e os alunos é problemático.

Quando não há diálogo, os alunos tornam-se agressivos, inquietos, desrespeitosos, indisciplinados em sala de aula podendo levar a violência verbal e física. O ensino não deve elencar somente a didática, mas também as relações sociais e afetivas, não existem valores maiores do que ouvir e respeitar o que o outro tem a falar, assim, quando o aluno e professor estão em sintonia o rendimento de ambos são perceptíveis, eleva a autoestima, a satisfação e a

motivação em repassar e aprender, como também desenvolve o sistema cognitivo de cada um com maior facilidade.

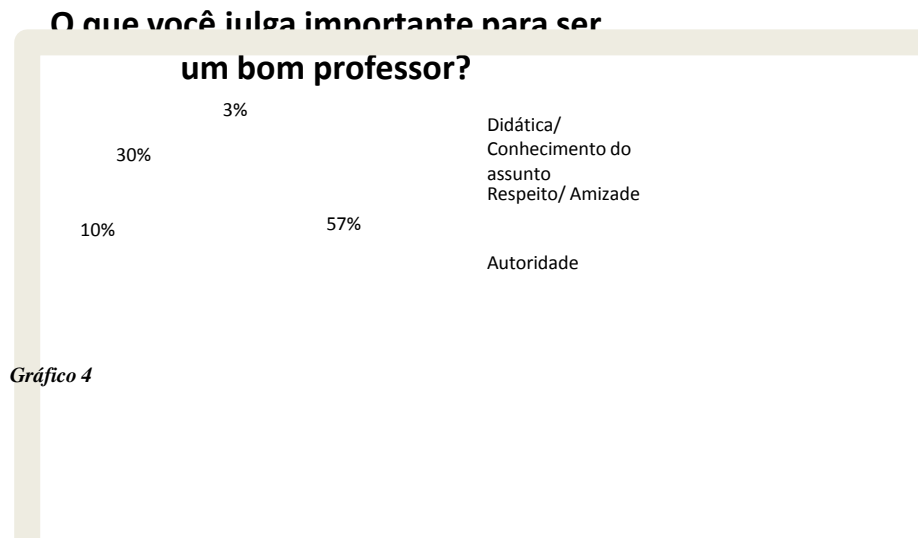
É o que vamos atestar com o gráfico 3, questionado se aprendem melhor quando possuem um bom relacionamento com professor, a maioria dos entrevistados, isto é 73%, enfatizam que aprendem com mais facilidade quando tem uma interação boa com seus professores, apenas , 7% afirmam que não e 20% às vezes é necessário a sintonia entre as partes envolvidas no ensino.



Observar-se que das respostas afirmativas, foi unânime a resposta em volta de que a motivação para eles estudarem acaba sendo um bom relacionamento com o professor. Logo, os vínculos afetivos é fator essencial na aprendizagem, as aulas ficam mais interessantes, dinâmicas, mais prazerosas de assistir e participar, criando um ambiente mais agradável e propício para a aprendizagem.

Além disso, a afetividade influencia a maneira com que o aluno se comporta dentro da sala de aula, ele terá mais liberdade de aproximar-se, questionando, expressando suas opiniões, enfim, trocando ideias com seus educadores, contribuindo para a construção do conhecimento e tornando a relação entre as partes menos conflitantes.

O gráfico 4 elenca o que o aluno julga mais importante para ser um bom professor. Na pergunta foram colocadas quatro opções de alternativas para que o aluno escolhesse apenas uma.

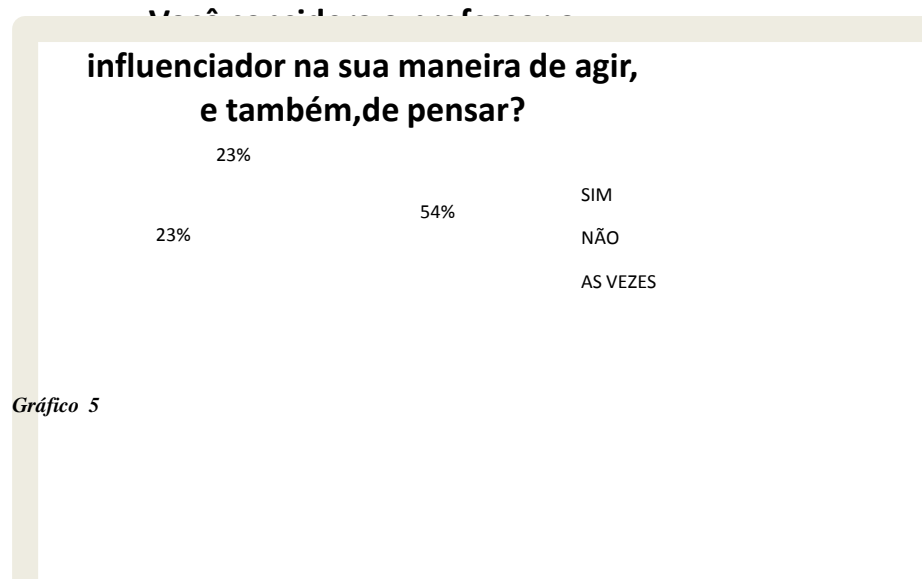


Percebe-se que os itens mais escolhidos pelos alunos estão relacionadas a elementos da afetividade como o respeito e amizade que ficou em primeiro lugar com 57% dos votos e o gostar de ensinar que obteve 30% em segundo, sobressaindo sobre 10% dos que acham que um bom professor é aquele que tem autoridade e 3% dos que acham que eles têm que ter didática e o conhecimento do assunto para serem julgados como bom.

O resultado adquirido com esta indagação deixa evidente que a relação entre professor e aluno não deverá ser de imposição, de autoritarismo, em que somente ele tem o poder da enunciação, mas sim de amizade e de respeito mútuo. Ressaltando que, mesmo quando o professor não tenha afinidade com determinado aluno, é interessante manter a civilidade, respeitando e o mantendo inserindo no grupo para que não afete o rendimento dele.

Quanto ao fator gostar de ensinar do professor, está fincada na ideia do aspecto motivacional, pois quando você ama o que faz, conseqüentemente, realizará um excelente trabalho em qualquer área que estiver atrelada, assim, não seria diferente com o ser professor, pois, quando este ama lecionar, tem controle emocional e consegue interagir, é certo que terá sucesso e levará entusiasmo na vontade de aprender e trocar conhecimentos do educando.

O gráfico 5 revela que um pouco mais da metade da turma, 54%, afirmam receber influência dos seus professores no que concerne o seu comportamento social, ou seja, na sua maneira de agir e pensar. Já as duas outras opções restante ficaram empatada cada uma obtendo 23% dos votos.



Pode-se observar que mesmo afirmando ser o professor ainda um sujeito influenciador na sua conduta, houve uma pequena diferença para as demais opções se colocarmos juntas, apenas, de 4%, ou seja, o resultado não é tão expressivo para influência do professor. Houveram-se épocas em que a referência para sermos como pessoa estava na família, nas instituições religiosas e escolares, Na linha de pensamento de Moura (2007:365), “A escola, além de não ser o único meio de formação, encontra-se defasada em relação ao crescente avanço de conhecimentos produzidos em todas as áreas , assim como em relação as tecnologias disponíveis , além de não ser mais um meio de ascensão social.

Atualmente, com uma avalanche de informações e comportamentos emitidos pelos meios de midiáticos, novas bases são postuladas, agregando-se para as únicas que nos davam orientação que seriam eternas. Hall (1998) congrega no seu pensamento o sujeito sociológico, aquele que constrói a própria identidade, através das situações vivenciadas nas relações interface do cotidiano. No entanto, a partir do momento em que se estabelece na sociedade um novo contexto econômico, social e tecnológico, com a chamada globalização, as experiências vividas no seu contexto social, não são os únicos elementos importantes para a formação e reconstrução da identidade individual.

Logo, serão agregados valores de lugares e culturas distintas, grande parte oriunda das mensagens emitidas pelos meios midiáticos como a televisão e a internet. Dentro dessa perspectiva, da transição do sujeito sociológico para o pós-moderno, vem nascendo e morrendo as identidades fixa, esta não sendo mais aconselhável para ninguém.

Cugini (2008:168) *apud* Brauman enfatiza que “Nesse nosso mundo fluido, comprometer-se com uma única identidade para toda a vida, ou até menos do que a vida toda, mas por um longo tempo a gente, é um negócio arriscado. As identidades são para usar e exibir, para armazenar e manter”

Na última pergunta, sendo esta discursiva e não menos importante do questionário, os estudantes foram indagados sobre a questão do amor, o que significa para eles e se este sentimento pode ser estendido para os seus professores. Falamos ao longo do trabalho sobre todas as manifestações afetivas, mas aqui movimenta todas elas é o amor por si e também ao próximo.

Para falar de amor ao próximo, na linha do pensamento crítico de Bauman (2005), temos que nos remeter a um dos mandamentos bíblicos o de “Amar ao próximo como a si mesmo”. Amar a si mesmo é algo natural de qualquer indivíduo que precisa ter para conseguir viver e enfrentar os obstáculos da vida. Entretanto, para que ele possa apresentar um equilíbrio como ser humano, o diferenciando de todas as outras espécies, é necessário que seja amado, pois é através do outro que se constitui como sujeito.

Com o amor do seu semelhante, provém o respeito, o diálogo, a dignidade e um sentimento de pertencimento a sociedade na qual está inserida, elevando sua autoestima e amor próprio. “Amar ao próximo como a nós mesmos, significaria então respeitar a singularidade de cada um- o valor de nossa diferença, que enriquecem o mundo que habitamos em conjunto e assim tornam-se um lugar mais fascinante e agradável, aumentando a cornucópia e suas promessas”. (BAUMAN, 2005: 47)

Nesse contexto, dos 30 alunos questionados, apenas, 3 não colocaram nenhum tipo de comentário e 5 afirmaram não ter nenhum sentimento pelo seu professor, os demais enfatizaram sentir amor por determinados professores.

Segue abaixo alguns comentários, respeitando a escrita de cada aluno.

“Amor para mim é, ser amigo, confiar, ajudar o próximo, saber conversar, dar conselho. Às vezes alguns professores tem um pouco dessas qualidades, nem todos tem, mas os que tem ajuda muito.”

“Para mim é gostar de uma pessoa da maneira que ela seja. Sim, por que eu gosto de todos os professores. Na minha opinião eu gosto.”

“Significa um certo carinho acima do normal e ajudando os alunos da maneira necessária sem sair da ética.”

“Amor significa amizade, prazer em ensinar sua disciplina ao aluno.”

“Amor significa gostar de uma pessoa de verdade não com falsidade. Com o professor tem muito pouco amor, pois não existe conciliação com eles e com nós e isso o que falta.”

Observa-se que a maioria conceitua o amor como algo que provém a partir do respeito, da amizade e da valorização do outro. Sendo assim, quando o professor tem como características tais elementos elencado ao ser solidário e o gostar de ensinar eles tendem a amá-los, conseqüentemente, facilitando o aprendizado. Desta maneira, os alunos reconhecem a importância de todas as manifestações de afetividades como sendo fundamental para o processo de ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a pesquisa apresentada, pode-se observar que os alunos da turma do 9º ao da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio CAIC-José Joffily, expressam que os elementos que compõem a afetividade são de extrema importância nas relações estabelecidas com os professores, sendo um dos motivos que favorece uma aprendizagem mais significativa.

Entretanto, algumas questões pertinentes para uma boa relação ainda não está tão segura na visão dos estudantes. É necessário que o professores, como um agente social, tenham a consciência da importância de inserir dentro de suas interações em sala de aula um espaço que contemple o diálogo, a valorização das particularidades de cada sujeito, respeitando as diferenças, para que eles possam ser agentes participativos do processo de ensino-aprendizagem e não, apenas, meros receptores daquilo que está sendo repassados.

Quando não se tem o reconhecimento do outro, a tendência é o que vemos nos corredores das escolas: são alunos revoltados, inquietos e desrespeitosos. É oportuno que o professor, como mediador do processo de ensino-aprendizagem, se manifeste aberto e receptivo a conversação com seus alunos para esclarecimento de dúvidas em relação ao conteúdo passado, bem como do que está se passando na vida particular do seu aluno, pois muitas vezes os comportamentos dentro de sala de aula podem ter iniciado fora do âmbito escolar, em sua casa.

O papel do professor vai muito além de ensinar conteúdos e avaliá-los, congrega um envolvimento na formação de seus alunos como seres pensantes, participativos e conscientes, inserindo-os na sociedade. Ressaltando que não queremos afastar a responsabilidade familiar desse contexto, mas é necessário que os profissionais da educação não negligenciem os aspectos afetivos, apenas, reflitam sobre a importância delas nas interações estabelecidas sem sala de aula como algo impulsionador para o aprendizado.

É notório o quão os alunos acham importante a questão do afeto, mais especificamente o amor que se faz constituído na maneira como são tratados, elencado ao respeito, amizade e atenção dos seus professores que, conseqüentemente, acabam influenciando o comportamento destes estudantes e fazendo a diferença na contexto escolar. Sendo assim, a afetividade manifestada na relação entre professor e aluno compõe ferramenta necessária na metodologia de construção do conhecimento, uma vez que a equilíbrio na interação educacional vai conferir um significado afetivo para a produção do conhecimento.

O presente trabalho monográfico foi apenas mais um passo de uma instigante e abrangente discussão a respeito das temáticas que se interrelacionam ao conceito da afetividade, tendo como objeto de estudo os alunos que estudam no CAIC-José Joffily. Portanto, fica um incentivo e sugestão para que outros profissionais se aprofundem e delimitem seus trabalhos na linha em questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. Disponível em <http://www.pdf Livros.com/2013/11/baixar-amor-liquido-zygmunt-bauman.html>. Acesso dia 17 de agosto de 2014.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro, RJ: edit. UFRJ, 1995.
- CUGINI, Paolo. **Identidade, afetividade e as mudanças relacionadas na modernidade líquida** na teoria de Zygmunt Bauman. Disponível em: http://www.faculdadesocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/12/artigo_10.pdf . Acesso dia 20 de agosto de 2014.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós- modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Lobo. Rio de Janeiro, RJ: DP& A, 1998.
- HOHEFELDT, Antônio; MARTINS, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação; conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- MILAN, Betty. **O que é amor**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.
- MONTEIRO, Maria da Conceição Silva Dantas; SILVA, Gracilene Venâncio. O humano na ficção de Clarice Lispector. In: Araújo, Silvano Pereira de; Gomes ,João Bosco Figueiredo & OLIVEIRA, Rosa Freire de (Org.). **Práticas linguagens, literatura e ensino**. Mossoró, RN: Edições UERN, 2011:245-261.
- MORAIS, Naédja Maria Assis Lucena. **A afetividade nas interações estabelecidas em sala de aula**. Apontamentos de sala de aula do professor Rafael Francisco Braz na disciplina de História da Educação, 2012.
- MOURA, Arlete Pereira; Racionalidade e subjetividade em processos de formação de docentes no Brasil. In: Swarnakar, Sudha (org.); **Ensaio comparativos**. Campina Grande: EDUEP, 2007 : 355-368.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO

Data :_____/_____/_____.

Prezados alunos, tendo em vista a realização de uma pesquisa sobre a importância da afetividade na relação professor/aluno como ferramenta facilitadora na construção do conhecimento. Solicitamos, por gentileza, que os senhores respondam este questionário. Agradecemos, antecipadamente, a sua colaboração de todos e não há necessidade de se identificar.

Idade:_____

1. O seu jeito de ser como aluno é valorizado pelo professor?

() Sim () Não () Às vezes

2. O diálogo entre você e o professor se faz presente em sala de aula?

() Sim () Não () Às vezes

3. Você aprende melhor quando tem um bom relacionamento com o professor?

() Sim () Não () Às vezes

4. O que você julga importante para ser um bom professor:

() Didática/ Conhecimento do assunto

() Respeito / amizade

() Autoridade

() Gostar de ensinar

5. Você considera o professor um influenciado na sua maneira de agir e, também, de pensar?

() Sim () Não () Às vezes

6. Para você, aluno/a, o que significa o amor? Encontrado na sua relação com o seu professor?
